

Não escrever, caminhar [com Gilles Deleuze]

Not writing, walking [with Gilles Deleuze]

JOÃO VITOR GAUDENCIO DE LIMA¹

Talvez eu tenha começado a escrever esse texto há mais de 20 anos. Das primeiras lembranças que tenho da boa vida da infância, guardo com ternura as caminhadas que fazia na companhia do meu avô. Andávamos pelas ruas do nosso bairro com o único motivo de se movimentar – faz bem, ele dizia. Nada de especial acontecia nos percursos, exceto quando ele me apontava para as casas vazias e contava quem havia morado ali 40 anos antes. Ou quando dizia o nome das árvores e plantas espalhadas pelos jardins ou das ervas que brotavam como pragas nas beiradas das calçadas e pelos terrenos baldios. Volta e meia algum passarinho cantava e então ficávamos em silêncio olhando pra cima feito bobos: – olha, ali tem joão-de-barro fazendo uma casinha. E no auge dos meus 4 anos eu ficava perplexo com estas coisas. *Estas coisas* que, hoje, parecem transbordar em meio ao fluxo hiper-rápido dos prazos fixos e horários marcados entre uma e outra leitura de digital no relógio-ponto. Quem caminha não quer ir rápido, se quisesse seria mais conveniente ir de carro, ônibus, de metrô... Além disso, para caminhar são preciso duas coisas: uma perna esquerda e uma direita, pondo um pé na frente do outro. Caminhar não passa de uma lenta e tola brincadeira de criança.

O tema da errância é constantemente levantado pela literatura, desde os textos mais antigos – como na *Ilíada* de Homero, fundador de uma literatura ocidental – e persiste como tema recorrente na mais contemporânea literatura – passando por James Joyce, Jack Kerouac, Cormac McCarthy... Também através de Deleuze nos encontramos com o tema da errância, por exemplo, com o nômade em alguns dos seus textos, nos deparando com um personagem conceitual que permite alocar o movimento e a velocidade junto ao pensamento. Ou esquizo d'O

¹ Mestrando em Filosofia (Ética e Política) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Foi bolsista CAPES durante o período de 24 meses no Mestrado. Formado em Filosofia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná - UNICENTRO. E-mail: joaogaud555@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6787132212349081>

Anti-Édipo trazidos pelos autores por meio de Beckett, como personagens que executam essa atividade tola e simplista de tomar um pouco de ar livre, sair pra um passeio. Algo notável por meio de tais personagens conceituais é a escrita que se faz sobre um sintoma hiper contemporâneo – tão contemporâneo e premente quanto a ansiedade sentida diante dos prazos, dos horários fixos, do medo do futuro e dos fantasmas do passado – que é o sintoma da deambulação, termo presente no DSM-5 como parte dos distúrbios do sono. Também é classificado pelo CID R26 quando identificado sob condições “anormais”.

Nesses casos, eles deslocam-se, mas não de um ponto para um outro ponto, ainda que tenham momentos de pausa para vislumbre ou aproveitamento de um oásis ou para recuperar o fôlego, por exemplo. É interessante notar que nesses e em tantos outros personagens (literários ou não) a atividade de deslocamento, isto é, de ter estado num lugar e de ter saído deste local, é, muitas vezes, o que produz uma história capaz de cativar.

Caminhar é uma atividade tão cotidiana, tão presente e tão antiga que remete a um tempo em que as “grandes questões” filosóficas acerca do pensamento, do ser e do ente, da linguagem e da ética sequer importavam ou, antes, sequer tinham ainda sido formalizadas. Durante longas caminhadas não é raro que o caminhante se esqueça de quantos passos percorreu, por quanto tempo andou ou até mesmo que horas são. É engraçado pensar que muitos filósofos tinham como parte central de suas rotinas de escrita justamente a atividade de caminhar. E não me refiro às caminhadas “necessárias”, quer dizer, as que tem como função o deslocamento ou que visam como objetivo fixo algum ganho de saúde. Mas um caminhar deambulante, um verdadeiro *delirium ambulatorium* como, por exemplo, na proposta de Hélio Oiticica que propunha deambular pelas cidades na intenção de perceber as existências artísticas que ela tenha a oferecer. Não se trata, no caso desta proposta de Oiticica, de se voltar para as formas institucionais ou mais estruturadas de manifestações artísticas; mas de perceber arte até na copa das árvores ou no rés do chão, num pai que brinca ao lado do filho pequena no parque, nos raios de sol que nada mais fazem a não ser raiar sobre nós.

Neste ponto me aproximo da proposta mesma deste texto escrito com prazer: ter na caminhada um elemento central da escrita filosófica e, na verdade de qualquer escrita. Caminhar como uma prática radical de escrever. Por um longo período acreditei que, para escrever, era preciso estar o máximo de tempo possível dentro de uma biblioteca, de uma sala de aula ou de algum espaço exíguo e, de preferência, com as janelas e portas fechadas. A cabeça curvada diante das páginas ou da tela do computador, com os ombros e braços tensos sobre a densidade dos livros. Cercado por paredes brancas e luzes amareladas num ambiente onde qualquer murmúrio gera impaciência e um revirar de olhos lascivo direcionado à pobre alma barulhenta que me tirou na leitura e da escrita. Cena comum.

O que tenho percebido é que este tipo de exercício de escrita (feito curvado sobre livros e telas num espaço fechado) faz mal ao meu corpo, produz dores e tensiona os músculos e nervos. Tanto os autores que escreveram seus textos sobre outros livros, produções ou exalam o odor abafado e fúngico das bibliotecas onde o ar mal circula.

As obras de Deleuze, no entanto, parecem exalar um outro tipo de odor; algo mais fresco ou cítrico? Ou um odor mais boêmio, talvez? de bebida alcoólica e cigarros? Não sei de que. Mas certamente não exala o cheiro de um ambiente fechado, abafado, sufocante. Às vezes me pego pensando no autor que estudo, Deleuze. E no fim de sua vida, que foi verdadeiramente sufocante, estava sufocado e não podia sequer tomar um pouco de ar. E ao mesmo tempo na vitalidade que foi sua vida e, claro, suas obras. Elas têm o impacto de libertar os músculos e os nervos e é a isso que tenho me proposto – e, também, faço o convite (se me for permitido). Que tal dar um rolê?

Também às vezes me pego pensando com Deleuze, sobretudo quando saio para caminhar na intenção de tão somente colocar-me em movimento. É nesses momentos em que percebo a violência quase balística com que sua filosofia me atinge, no sentido de que ela é capaz de, a todo momento presente, modificar as relações que produzo com o que vem de fora. Neste caso, não se trata exatamente de produzir um texto ou de criar conceitos fixos, nomes, normas, estruturas..., mas de produzir matéria de pensamento vivo. Não escrever, mas caminhar com Deleuze. Dar um passeio com seus textos e seus conceitos, tão vivos quanto os

pássaros e as plantas ao ponto de ver-se, assim de repente, tomado da libertação de todas as especulações da Consciência, da Razão, do Pensamento. E então, até o mais trivial e banal ao nosso redor – como o verdejar das árvores ou os rizomas de uma samambaia – podem ser situadas oferecendo-nos não apenas leves momentos de deslumbre ou de beleza, mas serem postas dentro de um movimento do pensamento. Ler, estudar, escrever com Deleuze são atividades que carregam essa prazerosa violência de se sentir penetrado por sua filosofia o tempo todo. Quando isto acontece, são produzidos novos traços de vida, mas sempre quando em relação com o fora. Um autor secular que continua, em seus brotamentos, a produzir uma filosofia criada ao ar livre com os sons da cidade ao nosso redor e em contato íntimo com ela. Um constante contato com o ar livre enquanto as pernas se movimentam pode ser capaz de produzir conceitos vivos e libertos das salas de aula fechadas ou das bibliotecas empoeiradas.

Referências

American Psychiatric Association. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

DELEUZE, Gilles. *Conversações (1972-1990)*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1ª edição, 1997.

DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta e outros textos*. David Lapoujade (Org.). Trad. Luiz Orlandi et al. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DELEUZE, Gilles.; GUATARRI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles.; GUATARRI, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia (Vol. 5)*. Trad. de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Rio de Janeiro: 34, 1997.

GROS, Frédéric. *Caminhar, uma filosofia*. Trad. De Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

Organização Mundial Da Saúde. *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – 11ª revisão (CID-11)*. Genebra: OMS, 2022. Disponível em: <https://icd.who.int/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

LIMA, J. V. G.

VIDAL, Paloma. *Não escrever [com Roland Barthes]*. Lisboa, São Paulo: Tinta-da-china, 2023.

Submissão: 02. 07. 2025 / Aceite: 15. 07. 2025